



Raya Angel Zonana\*

## O que tão-pouco se sabe: algumas notas

*“A vida é um milagre.  
Cada flor,  
Com sua forma, sua cor, seu aroma,  
Cada flor é um milagre.  
Cada pássaro,  
Com sua plumagem, seu voo, seu canto,  
Cada pássaro é um milagre.  
O espaço, infinito,  
O espaço é um milagre.  
A memória é um milagre.  
A consciência é um milagre.  
Tudo é milagre.  
Tudo, menos a morte.  
– Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.”*  
Manuel Bandeira

Como falar do que não se sabe? Só é possível nos aventurarmos por este campo munidos do algo que sabemos/vivemos, e do perene desejo de busca que acompanha o ser humano desde seu nascimento até a morte – único ponto “conhecido” nessa viagem, mas do qual, na verdade, nada sabemos. Assim...

- No capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, texto inaugural da psicanálise publicado em 1900, Freud se dedica a estudar minuciosamente o funcionamento mental partindo do

sonho, criação sempre enigmática. Observa e propõe uma nova linguagem, a do inconsciente: uma outra lógica, com seus movimentos próprios, seus meandros. Descreve o método psicanalítico como maneira de penetrar esse “espaço”. A escuta, a interpretação. Em sucessivas camadas, “desfolha” o oculto, o reprimido e... eis que se vê chegar a um ponto impenetrável – “umbigo” do sonho. “...*existe uma meada de pensamentos oníricos que não pode ser desemaranhada. Este é o ponto central do sonho (umbigo), o ponto de onde ele mergulha para o desconhecido. (...) É num certo lugar em que essa malha é particularmente fechada que o desejo onírico se desenvolve, como um cogumelo de seu micélio.*” (Freud, 1972/1900, p. 560)

O obscuro do sonho, o que não se deixa interpretar, é o que move o desejo direção ao que tão-pouco se sabe.

- Em 1932, após 40 anos de trabalho, tendo em vários momentos se debruçado e se perguntado sobre o feminino, Freud escreve seu último texto dedicado especificamente a este tema: a conferência XXXIII, *Feminilidade*. Ao final do artigo, ao aceitar suas limitações em explorar este objeto, Freud sugere ao leitor que deseja ir além que busque o que não se sabe do feminino em sua própria experiência ou então,

que pergunte ao poeta – este que tem o poder de, ao conservar a fantasia infantil, adentrar o mistério do desconhecido “continente negro”. (Freud, 1976/1932)

- *Esboço de Psicanálise* (1938), último texto de Freud, que o deixa inacabado ao morrer. Um esboço, algo a ser lapidado, redesenhado. Território em que há muito ainda a se buscar. Sabia ele que haveria ampliações, acréscimos, digressões, dissensões, rupturas, descobertas, transformações no desenho desta jovem teoria, da qual, na verdade, ainda hoje, somos exploradores, na tentativa de ir mais além daquilo que não se sabe.

O que não se sabe em psicanálise é o que a norteia, o que a constitui como a possibilidade de um contato com “espaços negros móveis”, que ora se desfazem, ora tocam um no outro, constituindo novas figuras que logo se desmancham e que, em determinados momentos, iluminam-se por meio da linguagem e tornam-se por um instante compreensíveis. Mas há sempre um resto; a palavra nunca diz tudo e, assim, o objeto da psicanálise somente se pode maguejar, tatear. Neste processo de fugacidade do conhecimento, constitui-se uma trama que permanece e pela qual podemos caminhar. *É o Esboço de Psicanálise.*

Pela brecha que Freud deixa aberta neste *Esboço de Psicanálise*, entram os autores que, a partir dele, ampliaram o espaço conceitual psicanalítico em busca do desconhecido. Neste escopo de autores não há somente psicanalistas, já que o campo teórico criado no final do século XIX em Viena alcançou muitas outras disciplinas, assim como obteve destas os aportes fundamentais para seu desenvolvimento.

Cada novo pensamento de qualquer disciplina mapeia a estrada com novos desejos que nascem dos rastros do já sabido. O começo se dá pela fantasia. O começo do começo, aquele que, na verdade, toma a estrada já construída, surge do desejo, esse eterno insatisfeito. Não há linearidade, e sim um movimento de enlaçamento do novo com o já existente e conhecido. “Em todos os começos há intenção e atitude. Cada começo cria uma singularidade, mas também entrelaça o existente, o conheci-

do, à herança da criação da linguagem da humanidade, paralelamente ao seu próprio fértil e singular afastamento”. (Oz, 2007, p.15)

Assim também *Calibán* sugere o novo, um pensamento singular, fecundo que encontra no que não se sabe seu estímulo, sua busca.

O Dossiê deste número de *Calibán – O que não se sabe* – segue este tema em áreas não próprias da psicanálise, nas quais, no entanto, nós, psicanalistas, sempre buscamos seiva que nos fertilize. Assim, pedimos aos autores que pudessem, cada um em seu metiê, caminhar para terrenos dos quais “tão-pouco se sabe”.

Em cada um dos artigos que se seguem, os autores revisitam o sabido, o familiar como fonte de alguma segurança, para daí se lançarem em hipóteses, desejos e fantasias. Criam assim o trajeto particular, em língua própria.

Em tons musicais, Arrigo Barnabé, compositor brasileiro de vanguarda, nos leva por esta trilha com o frescor e delicadeza com que se revisitam lembranças de infância. Nascido em uma cidade do interior do Paraná, sul do Brasil, Arrigo, em um texto muito pessoal, relata o impacto que lhe causaram os primeiros contatos com o mundo “psi” e com a música. As fantasias que o mundo adulto provoca na criança, palavras sonoras cujo significado se tenta decifrar e percepções estranhas ao olhar infantil surgem no texto de Arrigo ao lado de sua trajetória pelo mundo musical, campo de criação do autor. Em muitos momentos de sua obra, a psicanálise se encadeia à música, constituindo espaço de descobertas na direção de novos saberes.

As lembranças, como fios que a memória tece artesanalmente, contam a história de cada ser humano, ligam o passado e o que se faz presente. Como? Algo do que a biologia sabe sobre a memória nos é contado por Pedro Bekinshtein, em uma prosa clara que nos aproxima dos labirintos do funcionamento cerebral. Ao final do texto, o autor expõe algumas dúvidas que a biologia espera solucionar, dúvidas que a psicanálise mantém como guia em suas passadas. Encontro sempre produtor de novos significados este, entre a psicanálise e a biologia.

A memória, de uma outra forma, é também o guia do texto de Marcio de Moraes, jurista brasileiro. Juiz Federal nos “anos de

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

chumbo”, época de extrema repressão durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), Marcio apresenta seu percurso ao julgar o caso Herzog. Vladimir Herzog, jornalista, ficou marcado na história do país como um símbolo da resistência à ditadura ao ser preso, torturado e assassinado, oficializando a extrema violência e desprezo pelo humano com que os militares subjugavam o país. No relato de Marcio de Moraes, surge a evidente tentativa de se borrar a história, para que, como muitas vezes acontece em nossos países latino-americanos, tão-pouco se possa e se queira saber.

O indecifrável habita o texto de Hector Martínéz, astrônomo. Põe-nos em contato com o universo que nos envolve, que não conhecemos e não chegaremos a conhecer, apesar de dele fazermos parte. Adentrar neste universo obscuro, nos “des-astrá” – palavra que se origina na ideia de “perder o astro”, perder o rumo. O objeto de estudo de Hector Martínéz é esquivo e, se dá a conhecer menos aos astrônomos do que aos “físicos que estudam as coisas mais mínimas. É muito paradoxal – e, às vezes, incômodo – que as coisas mais abundantes no universo escapem tanto a nós, astrônomos.” O astrônomo, em seu desejo de conhecer, lamenta que possa ser antecedido pelo físico na aventura de penetrar no desconhecido, no lado obscuro do universo.

Neste dossiê, cabe a Osvaldo Pessoa, físico e estudioso de filosofia da ciência, penetrar na delicada intersecção entre física quântica e psicanálise. Nas trilhas desta intersecção, o autor se move com argumentos em uma linguagem não familiar a nós, psicanalistas, e que talvez, exatamente por sua estranheza, ative a curiosidade, ferramenta essencial em nosso fazer diário.

Então, como psicanalistas, “o que tão-pouco se sabe” se faz presente a todo momento em nossa clínica, em cada história que vivemos, analisando por analisando. Somos como o *flâneur*, que percorre a cidade sem um objetivo aparente, mas com o olhar atento à história dos locais pelos quais passa. A errância do analista durante a sessão, a atenção flutuante, caminha ao encontro de algo novo, que não se conhece, em direção a uma criação da dupla.

Que o leitor possa, nos encontros com cada um dos textos que seguem, construir um espaço de exploração e descoberta em direção ao que tão-pouco se sabe.

## Referências

- Freud, S. (1972). *A interpretação dos sonhos. ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976). *Conferência XXXIII. A Feminilidade. ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1975). *Esboço de Psicanálise. ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938).
- Óz, A. (2007). *E a história começa*. Rio de Janeiro: Ediouro.